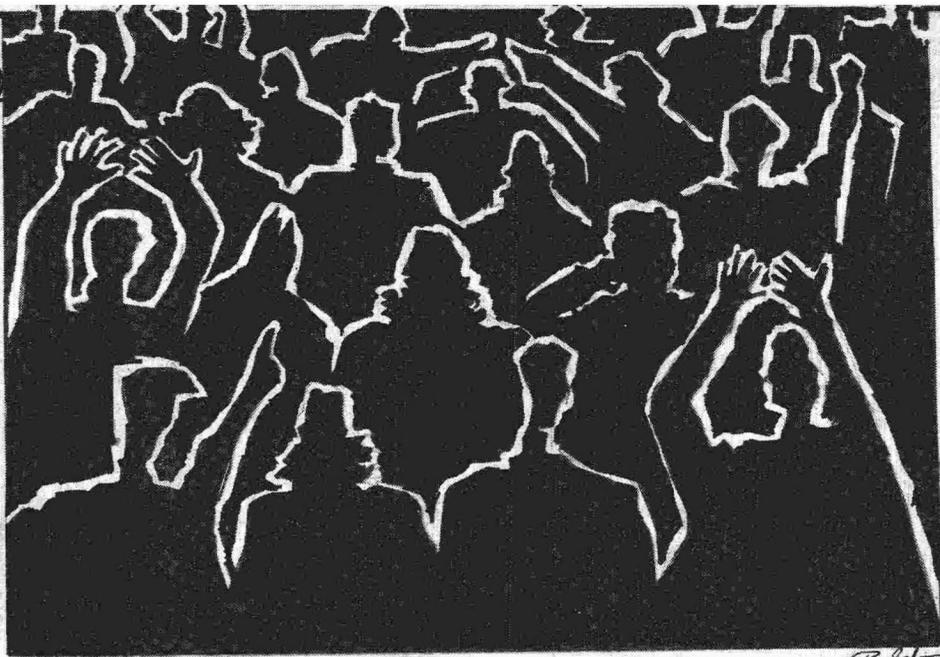


DF Cinema Efetivação do Pólo de Cinema ainda gera muitas dúvidas

70 JUL 1991

CORREIO BRAZILIENSE



Palet

Eram exatamente 11h50 de ontem quando o Governador Joaquim Roriz assinou a sanção definitiva da lei que cria o Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal. A um canto, inconfundível mesmo entre tantos luminares do cinema nacional, e sempre polêmico Rogério Sganzerla comentava no ouvido do ator Eduardo Conde: “É o primeiro autógrafo do Pólo”. Depois de tantas cerimônia, é bom que se diga que o primeiro autógrafo não é. Talvez o mais festejado e oportuno.

Com toda a imprensa nacional presente na cidade para a cobertura do festival de cinema e o salão repleto de baluartes da nossa sétima arte, Roriz teve a presença de espírito para ser curto e objetivo: “Não vou fazer discurso. Só quero dizer a vocês que Brasília vai ser a cidade da cultura e da inteli-

gência do cinema brasileiro”. E quem não sabia ficou sabendo de uma vez por todas. Por conta do festival, o bafafá do Pólo ganhou os jornais de todo o país.

O ator Sandro Solviati, responsável por uma antológica cusparada no filme *Matou a Família e Foi ao Cinema*, era um dos mais entusiasmados: “Cinema faz você mudar de roupa, cortar o cabelo, mudar o sapato. É uma coisa séria e este Pólo precisa ter uma comissão que avalie os projetos em função do público, como os americanos fazem”.

Na turma dos mais cautelosos, o roteirista Alfre-

do Oroz (*O Corpo*), *A Hora da Estrela*, *O Grande Mentecapto*) pedia esclarecimentos: “Ainda não entendi se o Pólo vai ser uma estrutura a exemplo de Hollywood ou se vai ser uma Fundação. Acho que são duas coisas que podem ser interligadas”. Oroz fez questão de destacar os dois lados que vê no empreendimento do GDF: o comercial/industrial e o cultural, mais ligado ao investimento do Estado. “São dois aspectos que vão estar sempre em luta para se impor”.

Questionamentos — Se o bem humorado

Nelson Pereira dos Santos brincava com o epíteto “De Pólo Emílio a Pólo Octávio”. Oroz preferia pensar em questões práticas: “Uma coisa que eu vejo é que vai ser muito difícil rodar dez filmes em Brasília, vamos supor. Porque é uma cidade atípica, a arquitetura é atípica. Não é qualquer história que se presta a ser filmada aqui. Daí eu penso: bom, então eu rodo as externas no Rio ou São Paulo e o que for feito em estúdio aqui em Brasília. Só que a maior parte dos técnicos e atores moram no Rio e em São Paulo e lá existem estúdios ociosos. Quer dizer, são coisas que precisam ser levadas em consideração”.

Questionamentos vieram também dos curta-metragistas. O paulista Francisco Cesar Filho, diretor de *Rota ABC*, um dos concorrentes deste ano, foi taxativo: “Desconfio que o Pólo não seja uma causa aberta à discussão. Não fui convidado e acho estranho que nenhum curta-metragista tenha sido chamado para discutir o projeto do Pólo”.

Muitas dúvidas, mas muita animação também. “Isto aqui é lindo”, confessou Sandro Solviati. “Vai projetar o nome do governador no mundo inteiro”. Em nome de todos os cineastas presentes, Ana Maria Magalhães destacou o habilidoso trabalho do Chefe da Casa Civil, José Roberto Arruda, “sempre pronto a costurar as dificuldades”. (Arruda coordenou os trabalhos da criação do Pólo). E encerrou lembrando: “A lei entra em vigor não só no papel, mas em nossos corações”. Aplausos, aplausos e aplausos. (Cesar Mendes)